



Estigma, rótulo e discriminação: uma análise das interações sociais dos alunos do ensino médio à luz da importância do ensino de Sociologia

Stigma, label and discrimination: an analysis of social interactions of high school students in the light of the importance of teaching Sociology

Luan Carlos Nalin¹

Aline Oliveira Gomes da Silva²

Resumo: O artigo é resultado de um estudo de caso onde se buscou entender quais características circunscrevem as interações sociais dos alunos em salas de aula e em seus espaços de convívio em relação aos estigmas, rótulos e discriminações. À luz da temática, foram analisados fatores objetivos, subjetivos e simbólicos que se estruturam nas interações face a face utilizando para isso referencial teórico apoiado em Norbert Elias (1996), Erving Goffman (1963) e Howard S. Becker (1963). Estes autores utilizaram conceitos-chave para explicar situações em que indivíduos e grupos podem vir a ter a existência diminuída ou negatizada por algum atributo pessoal que possuam. As atividades para obter material empírico foram realizadas no Colégio CEEP Castaldi de Londrina/PR com alunos do ensino-técnico ADM do terceiro ano no período vespertino. O método escolhido foi a observação participante do *modus vivendi* dos alunos em sala de aula e como procedimentos de pesquisa houve também a aplicação de atividades em sala com a temática do 'estigma e discriminação' e entrevistas.

Palavras-chave: Estigma; Rótulo; Discriminação; Interações Sociais; Ensino de Sociologia

Abstract: The article is the result of a case study in which it is possible to understand what are the circumscribed characteristics as social interactions of students in classrooms and in their living spaces in relation to stigmas, labels and discrimination. In the light of the theme, objective, subjective and symbolic factors that structure themselves in interactions were analyzed, face to face that uses for this theoretical framework supported by Norbert Elias (1996), Erving Goffman (1963) and Howard S. Becker (1963). These authors use key concepts to explain situations in which groups and groups may have a diminution or denial of any personal attributes they possess. As activities to obtain empirical material, they were held at CEEP Castaldi College of Londrina / PR with ADM technical students in the third year without an afternoon period. The method chosen was participant observation of the students' way of living in the classroom and the research procedures also had classroom activities with stigma and discrimination and interviews.

Keywords: Stigma; Label; Discrimination; Social interactions; Sociology Teaching

¹ Mestrando em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina.

² Doutoranda em Educação, Mestra em Ciências Sociais (2018) e Mestra em Educação (2019) pela Universidade Estadual de Londrina.



Introdução

A instituição educativa e seus sujeitos representam um emaranhado de ações onde os indivíduos salientam especificidades de condutas/posturas naquele espaço e este é carregado por uma convivência de multiplicidade de ideais, valores, costumes e entendimentos diante da vida. Pensando a vida social como dramaturgia³ (*modus vivendi*), podemos situar o campo escolar em uma visão que se identifica à um mundo teatral. Neste campo há diferentes formas de representação que se constroem a partir da relação com o “outro” (GOFFMAN, 1963). É possível entender o mundo social a partir das interações que os sujeitos desempenham; dentre essas, entender os estigmas, rótulos e discriminações que podem surgir como forma de criminalização de determinadas condutas (sendo essas individuais ou coletivas) (BECKER, 1963; GOFFMAN, 1963).

180

A observação participante sob as interações dos jovens do 3º ano do Curso Técnico de Administração foi importante para buscar responder alguns questionamentos sobre estigmas, rótulos e discriminação: Suas posturas diante do “outro” se dão por quais motivações? (ii) Como é desenhada a fachada de cada sujeito ao longo do encontro com esses “outros”? (iii) Como o estigma, o rótulo e a discriminação se manifestam na ação dos sujeitos? Essas inquietações refletem à ideais pré-formatados do eu-pesquisador em contato com os analisados, ao mesmo tempo, também reflete aos atores que se encontram no cenário específico – neste caso: a escola –, que é resultado de uma troca interacional resultantes de saberes e entendimentos de mundo que se formatam em consensos e constrangimentos.

Neste trabalho buscou-se de antemão entender com Goffman (1963) e Becker (1963) definem os principais conceitos aqui propostos: estigma, rótulo e discriminação, assim podendo refletir sob as condutas e/ou posturas diante do que se pode considerar “desvio” ou, especificamente do que se entende por

³ Kenneth Burke (1897-1993) foi o primeiro a introduzir a ideia de uma abordagem “dramática” dos fatos sociais na obra *Grammar of motives* (JOSEPH, 2000, p. 24)



estigmas e discriminações em ambientes como a sala de aula. Na perspectiva da sociologia histórica de Norbert Elias (1993) procurou-se entender como as interações sociais acontecem e se estruturam. Para fundamentação do argumento, também houve um diálogo com autores que discutiram as diferentes formas de ação social que podem resultar em formas de entendimento objetiva, subjetiva e simbólica.

O artigo foi desenvolvido com base em uma metodologia qualitativa, baseada na perspectiva de entender os atores sem distinção determinista, mas que, entende as ações dos sujeitos em volta do interacionismo simbólico, no que segue uma orientação de pesquisa de Goffman (1963): A de “rever as formas de socialização e normalização das condutas do “processo civilizatório” para estudá-las em sua lógica iminente, como a sua linguagem, seu repertório de papéis e sua sintaxe de condutas.” (JOSEPH, 2000, p. 14).

Especificamente, a pesquisa foi realizada por meio dos seguintes procedimentos: (i) Observação participante⁴ durante oito semanas no Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria do Rosário Castaldi (CEEP Castaldi) na sala do 3º ano do ensino técnico em Administração do período vespertino. Nas últimas participações foram realizadas oficinas com a temática do Nazismo e sobre Estigma e Identidade Social.

181

As posturas diante do “outro”: O estigma, o rótulo e a discriminação em contraste ao processo civilizador

O processo de urbanização ao longo dos anos intensificou a impessoalidade nas relações humanas e nos papéis sociais que são desempenhados de formas distintas em diversos contextos (BIAR, 2015). A preocupação central dessa pesquisa foi em entender como se dão as disposições/motivações dos sujeitos para agirem de determinadas maneiras em diferentes espaços (GOFFMAN, 1963). Nessas interações sociais ou dramas

⁴ Período da observação: (20/08/2018-29/09/2018 – todas as segundas-feiras, pula-se os feriados)



sociais podem ocorrer os *estigmas*, o que o Goffman apontou que o termo passou por mudanças de significados ao longo do tempo, mas que atualmente é mais aplicado a uma “marca” que tem a força de negatizar a imagem do sujeito (imagem sendo suja ou menos-normal que a dos demais) onde isso o torna propenso a sofrer sanções depreciativas a sua existência que são aplicadas de maneira direta nos diferentes contextos. (BIAR, 2015; GOFFMAN, 1963).

Quem sofre o estigma é “aquele que não está habilitado para a aceitação plena” (GOFFMAN, 1963, p. 7), pois transmite uma informação social negativa, de forma voluntária ou involuntariamente sobre si mesmo (BIAR, 2015), o que corresponde ao mesmo sendo um processo de julgamentos que pode ocorrer subjetivamente e por fatores que se encontram na linguagem do expressar humano e, não necessariamente resultem num atributo objetivo à princípio. O sujeito estigmatizado sofre dificuldades de interação diante dos outros, pois os estigmas podem se manifestar em diferentes formas. Vale ressaltar que Goffman (1963) levou a cabo os estudos em relação ao estigma e com foco neste, atribuindo a discriminação como um fator à parte, dessa forma podemos compreender suas diferenças em práticas do cotidiano, pois como expõe François Dubet (1964):

Estigmatização é um conjunto de atitudes depreciativas, pejorativas, que diz: “mulheres são loucas e estressadas”, ou “os imigrantes são desonestos”. Estigmatização é um julgamento negativo. A discriminação é um mecanismo objetivo. (SILVEIRA, Eder da Silva. Entrevista com François Dubet – Estigmas e Discriminações – a experiencia individual como objeto (SILVEIRA, 2015, p. 158-159).

Ou seja, discriminação é quando alguém é excluído ou perde alguma oportunidade devido a fatores ligados ao estigma e ao rótulo, ou resumidamente: Está direcionado a uma força não só moral, mas uma prática que se executa diante da vida de alguém. Exemplo: Jovem que tem tatuagens que não consegue uma vaga de emprego devido sua imagem “deteriorada”. Neste sentido, rótulo também foi levado em conta nesta perspectiva de análise, pois na concepção de Becker (1963) e outros autores, o rótulo desviante se aproxima do estigma em seus significados de negação do outro como ser “normal” (GOFFMAN, 1963).



É necessário um certo consenso e cooperação para as pessoas considerarem dar um rótulo desviante a alguém ou, estigmatiza-la. Um grau necessário de expectativas relacionadas aqueles que “quebram as regras”, sendo uma pessoa considerada *outsider*⁵ (BECKER, 1963; BIAR, 2015).

Becker (1963) e Goffman (1963) são seguidores da microsociologia (que não despreza a macro), e mesmo o primeiro autor não pensando os fatores ligados a psicologia, esse artigo foi pensado os fatores psicológicos sendo essenciais para se entender as relações sociais, porém, não foi desprezado o fato de que Becker (1963) se aproximar de uma perspectiva pragmática que se distancia de ideias mais abstratas. A pergunta chave de pesquisa do Becker (1963) sempre correspondeu a: “Por que as pessoas que identificamos como criminosos fazem as coisas que identificamos como crimes?” Em *Outsiders*, o autor da uma mudança significativa ao termo – que foge da ideia de desvio somente ligada ao crime – para assim poder estudar outros grupos que se desviam das normas e, são acometidos a rótulos, estigmas e discriminações (BECKER, 1963)

A representação dos sujeitos se fundamenta por “toda atividade de um indivíduo que passa num período caracterizado por sua presença continua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre eles alguma influência. (GOFFMAN, 1975, p. 29). Pensando como se desenha as interações dos atores e como molda-se o caráter individual e/ou grupal, Norbert Elias (1993) dá uma vazão histórica no que diz respeito aos posicionamentos dos indivíduos em sociedade, o autor trabalhou com o tema central em seus estudos sobre educação: o “aprendizado” em si. Elias (1993) defende que não existe nenhum conhecimento caso não ocorra interação social. Todos aqueles que um dia entenderam o mundo de alguma maneira, que contam ou trabalham com a história, que se posicionam diante das relações sociais – com alguma forma de

⁵ “Termo *outsiders* sendo usado para designar aquelas pessoas que são consideradas desviantes por outras, situando-se por isso o fora do círculo dos membros “normais” do grupo. (BECKER, 2008, p. 27).



conhecimento – partilham com muitas formas de aprender e entender a sociedade a sua volta (SANTOS; SEVERINO, 2012).

Os olhares diante da existência humana foram ampliados ao longo tempo em uma linha histórica, ao que Elias (1993) chamou de processo civilizador, ao passo que todos – seres-humanos – foram sendo formados e descritos por resultados de estudos e de compartilhamentos de experiências, saberes e, socializações. O conhecimento acumulado é o resultado das formas de agir, pensar e se comunicar dos indivíduos, são frutos de uma forma de construto que se dá ao longo do tempo. Pensando da Idade Média para o contexto da história moderna, Elias (1993) nos ajuda a repensar nosso condicionamento enquanto ser-social resultante de ações e transformações dessas. No contexto atual, e debruçando-se sobre a perspectiva de Elias (1993) em relação as interações sociais, podemos lembrar que em 1988 no Brasil⁶ houve intensão de aprimoramento da democracia com debate sobre direitos diante dos estudos acadêmicos, e por sinal, em relação a estudos educacionais.

184

Elias (1993) aponta que com o avanço da modernização, as relações humanas e suas ações foram sendo coordenadas para uma forma de psique que evoluiu em se comportar diante do “outro”. O autor pesquisou as formas de etiqueta na Idade Média, sendo essas que foram sendo ressignificadas ao longo do tempo, o que Elias (1993) aponta que isso foi uma das mudanças que aconteceram para que o avanço civilizatório se desenvolvesse, usando-se cada vez mais o controle individual do sujeito para consigo mesmo, controlando quaisquer atitudes que poderiam parecer “animalescas” demais para a modernidade e avanço de todas as formas de sociedade: “À medida que mais pessoas sintonizavam sua conduta com a de outras, a teia de ações teria que se organizar de forma sempre mais rigorosa e precisa, a fim de que cada ação individual desempenhasse uma função social. (ELIAS, 1996, p. 196).

Nessa concepção da microsociologia, pode-se pensar como as relações vão formatando o caráter dos indivíduos diante de suas interações. A hipótese

⁶ Constituição de 1988 no Brasil com uma política pensada a cidadania marcada pelo avanço da democracia no país. Ver mais em Bittencourt (2017).



dessa pesquisa foi pensada de maneira a acreditar que os jovens na escola ao reproduzirem estigmas e, condutas que desprivilegia performances consideradas “desviantes”, acabam fomentando escolhas de alguma ação devido a preceitos e fatores de orientações vindas de todos os ambientes em que eles/elas tendem a participar e conviver, ou seja: espaço familiar, espaços públicos, espaços privados e todos onde há a troca de saberes que ajudam a definir disposições pelo aprendizado tido. Dessa forma, a escola também acaba sendo uma fonte importante de mecanismo de reprodução de estigmas e discriminações, mas sendo somada aos diversos espaços que os indivíduos convivem e onde as fachadas podem vir a serem moldadas devido as necessidades de adaptação de posturas correspondentes a cada cenário.

Os estudos sobre estigma e condutas de desvio são de grande relevância dentro das Ciências Sociais. Questões étnico-raciais e de gênero são pensadas habitualmente no campo disciplinar das pesquisas e, utilizando-se da relação estigma-indivíduo, elas acabam se relacionando a outras formas de estigmatização e rótulos que podem estarem ligadas objetivamente às discriminações, como direcionadas a: a renda familiar, ao local de moradia, condição de saúde, a formação escolar, deficiências físicas ou intelectuais, o próprio estilo de vida, entre outras formas de representação do ator em contato com os demais (GOFFMAN, 1963).

Pensar a escola e as interações sociais daqueles que se sentem estigmatizados ou discriminados, pode-se indagar que as formas de ensino que se tem ao longo do tempo vieram privilegiando classes ou categorias, porque como “maiorias”, esses eram responsáveis por pensar o mundo e desta forma poriam as regras. A mobilização para mudanças dessa forma de ensino é um embate que sofre grandes dificuldades para alguma reestruturação, assim torna-se um processo altamente excludente no sistema educacional e reproduz a desigualdade social em um grau constante. Ainda deve-se lembrar que pensar a Sociologia em diálogo com estigmas; discriminações e rótulos, é ter em mente que há resistências a debates como esses, que estarão se posicionando de



maneira a realizar a manutenção de ordens e leis específicas em favorecimento de determinadas discussões em espaços públicos e privados.

O sistema e a Escola ainda aparecem como reprodutores de desigualdades e as formas de se posicionar dos sujeitos aparecem com interferência de mecanismos de poder que se firmam constantemente. Quando o sujeito não consegue ser parecido ou chegar próximo daquele que se porta “bem” ou em relação a estereótipos e/ou rótulos que não sejam negativos, o mesmo se exclui, existe um recalçamento em seu imaginário e cria-se um bloqueio no indivíduo de não ocupar lugares que são para todos. No imaginário do indivíduo que sofre de estigmas ou discriminações há uma subjetividade marcada pela impotência (GOFFMAN, 1963).

A sala de aula também assume um papel de competição, assim fica como uma forma de vigilância do sujeito e as mesmas trabalham com formas de judicialização, para quaisquer imprevistos desta ordem que vem de fora para dentro, como um padrão-social, onde reforça os estereótipos e constrange aqueles que não se sentem complementemente “bem-vindos”. E tudo isso também é internalizado na própria estrutura social, pois se trata de discursos construídos socialmente nos diversos espaços. Junto disso também se trata da estrutura psíquica adaptada a estrutura posta (ELIAS, 1996). Como aponta Gallo em relação a postura dos sujeitos em interação na sala de aula:

Se a escola tem sido, assim como o exército, um dispositivo disciplinador, ela é também um espaço social onde se exercem contra poderes. Ele mostra-nos que na relação pedagógica o aluno não é um mero paciente, mas também é um agente de poder, o que deve levar-nos a repensar todo “estrategismo pedagógico” do qual algumas vezes somos vítimas, outras vezes somos sujeitos. (GALLO, 2004, p. 94).

Diante disso, nota-se como as instituições são importantes para se compreender as condutas e os valores, temos que dar relevância a elas, pois as mesmas instituições representam um complexo de padrões e papéis internalizados (PARSONS, 2010). Toda ação é orientada pela ação do outro. A sociedade que produz um tipo de cadeia psíquica, acaba definindo um padrão. A análise sociológica deve caminhar para o nível analítico, assim, conseguir



entender as relações funcionais envolvidas (ELAIS, 1996; PARSONS, 2010). É nesse pensar que foram escolhidos os autores para pensar as estruturas, mas também as micro relações dos sujeitos, pois essas são fundamentais para compreensão da sala de aula, onde os efeitos das ações são resultantes de uma mistura constante desses mecanismos objetivos, subjetivos e simbólicos.

Goffman (1963) buscou em sua compreensão de análise, formas de explicar a realidade social no que contribui ao estranhamento das situações rotineiras, tanto essas vinculadas aos estigmas e, as mais variáveis facetas de formas de se viver em sociedade ao que cada sujeito com sua forma particular de se integrar, possuam ferramentas para entender os motivos de desconsideração de outro sujeito como inferior ou “não-humano”.

A sala de aula foi pensada neste artigo à luz de situações específicas à temática que foram observadas em tempo de estágio obrigatório em 2018. Com a contribuição dessas reflexões acerca das interações sociais e pensando os principais autores vinculados a esse trabalho: Erving Goffman (1963) e H. Becker (1963), foi possível discutir as atitudes depreciativas que podem muitas vezes são perpassadas de geração a geração, estruturando ordens que manifestam e reforçam estigmas, rótulos e discriminações no que resulta à constrangimentos nas relações face-a-face.

No pensar de Norbert Elias (1993) de que os indivíduos aprenderam a controlar seus impulsos ao longo do tempo, me trouxe à tona algumas reflexões ao presenciar sintomas deste processo civilizatório aparecendo com diversas faces, essas mesmas faces sendo estampadas em cada aluno da classe, que estavam representando *papéis*⁷ e conservando ou modificando *fachadas*⁸ (GOFFMAN, 1963) onde se estrutura um tipo de interação muito específica

⁷ “Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. [...] que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser” (GOFFMAN, 1975, p. 25).

⁸ “Equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” e fachada pessoal: “Podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes” (GOFFMAN, 1975, p. 29-31).



daquele grupo; daquele lugar e, daquele determinado momento histórico. A sala de aula e os problemas sociais ficam mais nítidos quando pensados de uma forma única, a forma única em que se pensa a cidade e a escola sendo processos de interações altamente conciliatórios e o resultado dessas sendo a formação desses sujeitos específicos.

Resultados: A manutenção das “fachadas” e os fenômenos do estigma, rótulo e discriminação que pairam sob o convívio social.

As principais perguntas que nortearam o trabalho, foram respondidas e refletidas ao passo de poder apontar alguns resultados. Esses que aparecem de diferentes maneiras: Nas observações em sala, pode-se encontrar no movimentar-se dos alunos algumas situações que formariam fachadas ou rótulos desviantes à determinados sujeitos, no qual ao olhar do pesquisador pode sofrer embasamentos subjetivos, ainda que, de certa forma racionais quando acoplados a dados quantitativos que podem justificar algumas impressões. Um exemplo: Afirmar que homossexuais morrem no Brasil por homofobia, não é ser necessariamente militar em prol do movimento LGBTQ+ (o que também pode ocorrer), mas é saber que isso se confirma em dados e em fontes de pesquisa empírica cotidiana – ou seja, o olhar do pesquisador ainda que sujeito a manifestação de preconceitos, deve-se guiar atentamente aos diversos campos de informação e entender as diversas formas de desigualdade social presentes no cotidiano.

Em um dos primeiros dias de observação em sala de aula, ocorreu uma situação específica e emblemática em uma das turmas de 3º ano, onde um aluno de pele branca disse que iria virar “traficante” caso os estudos não frutificassem em nada como rentável. Um aluno negro logo olhou em seu rosto e perguntou: “*Você? Você é branco, os caras vão fazer você de churrasco lá*” (Aluno, 17 anos). Nessa concepção, houve um constrangimento por parte do aluno branco na tentativa de manifestar um papel intimamente ligado ainda hoje aos negros no Brasil, ou que, por uma série de motivos históricos e que incluem



estigmatização, discriminação e rotulação, essa fala do aluno negro é manifestada em seguida devido aos cenários e os palcos que são – ainda – vindo a ser deterministas na vida de alguns indivíduos.

Esses papéis dos atores podem ser manifestados e determinados por lógicas estruturais que fogem ao aparato de total entendimento, ao que os sujeitos se voltam a se portar num *modus operandi* que é fundamentado por lógicas ou padrões que se assumem em grande escala e que podem ser entendidas/os (como informado anteriormente) utilizando-se de dados estatísticos e pesquisas.

Dado essa situação específica da observação sobre os alunos, o fenômeno dos rótulos me chamava atenção para muitas outras formas que ele poderia se apresentar, como as próprias relações de poder dissipadas em determinadas instituições e espaços coordenados por tipos de palco que definem hierarquias conforme as regras do cenário, onde os mesmos atores podem assumir papéis completamente diferentes num mesmo dia, devido as diferentes roupagens de expectativas normativas que são compostas pela população nos diversos espaços de interação.

O indivíduo que venha a sofrer estigma em um ambiente escolar, pode acabar se sentindo mal naquele lugar/espço e os outros próprios sujeitos vão acabar contribuindo numa forma de exclusão, ao passo que reforçam as estruturas vindas e construídas de outros espaços para além da vivência no colégio.

Nas dinâmicas em sala, também pude fazer algumas afirmações ao observar as reações dos alunos: Numa primeira, eles puderam compreender como as pessoas que sofrem algum tipo de estigma podem perder oportunidades na vida e, desta forma, serem discriminadas. Na segunda dinâmica, pode-se trabalhar os rótulos de forma clara ao passo que, eles se surpreenderam ao rotular as pessoas apenas lendo sobre suas características descritivas feitas por outro, tendo dificuldade de diferenciar alguém como bom ou mal por poucas informações. E a terceira e última atividade (posteriormente usada para as entrevistas) deste dia, foi vista (por alguns deles) como um



desabafo, pois puderam manifestar alguns de seus recalques diante do “outro”, seja em sala de aula ou no seu convívio social em vários ambientes.

Como apontado sobre os procedimentos metodológicos, antes das entrevistas houve uma análise de todas as respostas dadas pelos alunos na atividade que foi aplicada em sala. Para entrada no campo a ser pesquisado, a última atividade dada aos alunos foi eles responderem de forma manuscrita as questões: *“Como se dá a sua relação com os amigos? E com sua família? E com colegas de sala de aula? Nessas relações, você já viu ou passou por alguma situação de estigmatização, discriminação ou foi rotulado de algo que não gostou?”*⁹. Das (28) respostas dadas pelos jovens da turma, foram lidas, analisadas e escolhidas (4) delas para serem feitas as entrevistas¹⁰; nestas foi aprofundado a partir do que eles responderam à procurar compreender como esses processos de estigma, discriminação e rótulo se manifestam em suas representações no cotidiano e como o ensino de Sociologia pode contribuir para o entendimento dos fenômenos, buscando diálogos com uma “sociologia terapêutica (a Sociologia como sócio análise e meio de diminuir os sofrimentos individuais pela compreensão do mundo social e de seus determinismos)” (LAHIRE, 2014, p. 47).

As entrevistas foram escolhidas a selecionar diferentes formas de manifestação dos fenômenos de estigma, discriminação e rótulo que apareceram nas respostas. Foram selecionadas três meninas e um menino (o rigor ficou fundamentado pelas diferentes formas de aparição dos fenômenos, sem pensar gênero ou outra identificação como algo fundamental da escolha).

A entrevistada (1)¹¹ tinha como princípio de resposta: a discriminação por orientação sexual, porém, essa discriminação seria exercida por parte dos familiares em relação aos amigos da aluna entrevistada e não a ela própria. O

⁹ Essas questões eu chamei de “questão piloto”, devido a todo processo ter se norteado a partir desta.

¹⁰ Levou-se em conta os procedimentos éticos de pesquisa, confirmando com o aluno/a uma não obrigação de participar e que o/a mesmo/a poderia desistir a qualquer momento da entrevista. O termo de consentimento foi feito oralmente com cada aluno/a e, informado a professora responsável pela disciplina de Sociologia do CEEP Castaldi – Londrina/PR.

¹¹ Aqui chamei de (as) entrevistadas: (1), (3) e (4), somente o (2) de (o) entrevistado.



entrevistado (2) foi um jovem que disse ter uma boa relação com a família, porém, se questionava diante de amigos e de pessoas que passaram em sua vida na escola, onde disse que o medo já foi algo presente nas relações. A (3) foi pensada pela manifestação de estigma em relação ao estilo pessoal da aluna ao ir à igreja, onde a manifestação de rótulo também apareceu e, a discriminação como fator objetivo poderia ocorrer ao longo do tempo. A entrevistada (4), é uma situação diferente: Pensando a aluna que foi rotulada por ser a “pessoa mais velha” da família diante de crianças, onde a jovem deveria dar exemplos de como seguir a vida a seus primos mais novos, assim pensando como isso afetou e/ou afeta diretamente a personalidade de quem vivencia esse tipo de expectativa vinda de outras pessoas.

As respostas dadas pelos alunos para norte da entrevista serão apresentadas integralmente na sequência sendo utilizado um diálogo¹² com contribuições teóricas aqui propostas. Sendo à resposta da questão piloto dada pela entrevistada (1):

“Minha relação com os amigos é boa, sempre me ajudam, sabemos diferenciar brincadeiras de assuntos sérios, agora na minha casa já ouvi comentário de discriminação e rotulação do tipo de andar com amigos de outra orientação sexual... se andasse comigo, seria lésbica... e quando alguma amiga comenta minhas fotos “meu amor, minha vida”, minha avó comenta para apagar.” (Entrevistada 1, menina, 17 anos).

Depois de ler com cada aluno/a sua própria resposta, pedi que me relatassem o porquê eles acham que essas situações viriam a ocorrer. Assim a entrevista se estendeu. A primeira entrevistada pouco relatou sobre suas experiências, mas posso evidenciar que sua orientação familiar é refletida com muita força diante de suas posturas, por mais que a aluna diz não seguir o que os avós lhe dizem, as opiniões dos mesmos se impõem com uma força a deixar a jovem constrangida. Ela afirmou ficar chateada com os acontecidos de estigmatização e incomodada do fato dela ter amigas de uma orientação sexual

¹² O diálogo não se firmou igualmente entre todas as entrevistas: Algumas discussões se estenderam um pouco mais conforme o próprio aporte teórico foi dando mais escopo. Outras já resultaram em pequenas reflexões.



diferente e tendo certeza que isso não influenciaria em sua relação com outras pessoas.

Vale lembrar que a entrevistada (1) me questionou pelo fato de estar fazendo questões voltadas a seu entendimento dela como de origem da psicologia: *“Deixa eu te perguntar: Você vai fazer faculdade para Sociologia? Ta parecendo psicologia. Eu vou em psicólogo, e é quase igual você perguntou aí [...]”* (Entrevistada 1, menina, 17 anos). Isso me leva a crer que o argumento de Lahire (2014) e dos psicólogos sociais no que diz respeito ao trabalho da Sociologia como terapêutica, é de fundamental importância dentro das instituições educativas. Na próxima entrevista consegui tirar mais proveito de questões fundamentais ao que me propus a refletir.

Resposta do entrevistado (2) a questão piloto:

“Minha relação com amigos é boa, já teve casos de me colocarem para baixo, mas esses nem posso considerar amigo. Com a minha família é ótima, apesar de altos e baixos. Nem tudo é bom, ainda sou oprimido, há um certo aluno que eu não vou falar o nome ainda tenta me por pra baixo... E sim já sofri muito ao ponto de ter medo de pessoas.” (Entrevistado 2, menino, 17 anos).

192

Este aluno (único do sexo masculino) me apresentou muitas situações a se pensar. Ele aproveitou realmente a entrevista e me deu informações valiosas sobre as condições que um indivíduo estigmatizado pode se sentir. O jovem afirmou que seu sofrimento em relação ao convívio com outras pessoas se dá desde pequeno e que isso o levou a se afastar de alguns familiares (mesmo hoje tendo uma relação boa com os pais): *“E com o passar do tempo isso foi (não sei pode contar como uma evolução ou involução), mas ao invés de ficar junto com a minha família e tudo mais sempre, eu escolhi ficar sempre no meu quarto sabe... eu sempre me sentia mal.”* (Entrevistado 2, menino, 17 anos).

Também vale lembrar que este aluno ao estar fazendo as atividades em sala, me questionou também sobre o uso da psicologia na aula. Aproveitei-me de sua indagação e me posicionei diante disso e perguntei sobre a importância de discussões como essa na escola, levando em conta a minha hipótese de que alguns professores nem sempre terão o aporte necessário para lidar com



situações em que o aluno esteja sentido algum recalçamento diante do ambiente escolar. Isso se confirmou ao passo que o aluno reclamou de traumas que teve na infância diante de algumas posturas de professores e que isso influenciou em seu medo de pessoas. Mas também elogiou a postura de outros em sala, como expõe: *“a professora de filosofia por exemplo, ela faz isso comigo... super gente boa... chama no cantinho... pergunta o que está acontecendo, pergunta se está tudo bem... (Entrevistado 2, menino, 17 anos).* Também apontou que em momentos de não-saber como lidar com as situações, os alunos acabam colaborando com sua reação de sofrimento: *“[...] Às vezes eu já senti vontade de chorar... pode parecer que não foi por nada demais [...] e aí tem alguns retardados que ficam lá dando risada [...] e pioram a situação.” (Entrevistado 2, menino, 17 anos).*

Este aluno apresentou traços de sintomas de problemas psicológicos de fato, ao passo que, conversando com a pedagoga da escola, me vi informado que isso realmente é uma realidade na vida dele. Não posso indagar com firmeza, mas sua autoestima estaria afetando suas relações ao passo que ele me confirmou ser “fracassado e esquisito” e dizendo que essas palavras ficam soando em sua mente. Em uma fala do aluno, eu também pude perceber que o traço de rotular os colegas de sala também estaria envolvido em suas próprias atitudes, o que confirma a ideia de que a escola também se firma em um processo que há estigmatização e discriminação. Esse mesmo aluno que sofre por alguns motivos específicos, também usou de algo para diminuir outra pessoa, numa competição de quem é “menos pior que o outro”:

“Teve na 4º serie né [...] a gente queria brincar de pega-pega, sabe... era um que a gente encostava na pessoa e ela tinha que ficar estatua sabe...aí estava na vez de uma menina lá... Eles não queriam que eu brincasse, na verdade... ninguém me pegava... todo mundo ficava meio que fugindo de mim... é, e aí eu fiquei lá esperando que essa menina fosse me pegar, era uma menina “ranhenta”, feia... daí ela foi pra me pegar e disse: “a não você tem vermes”... e eu: “e você tem o que menina? (risos)” [...] tipo, naquele dia eu fiquei mais de boa... na maioria das vezes que isso me acontece que as pessoas ficavam me isolando, tipo, eu tento conversar com as pessoas eu não consigo falar sabe... eu tento falar mais ninguém me ouve... aí, quando as pessoas ficam quietas lá.. eu tento falar de novo... ou me interrompem no meio da conversa [...]” (Entrevistado 2, menino, 17 anos).



O aluno se dirigiu a aluna como “feia” ou como alguém que também devesse ser evitada, ao passo que, ele mesmo sofria destes tipos de mecanismos de exclusão. Isso foi o que eu-pesquisador interpretei em sua fala, pois ele mesmo não se deu conta do apontamento do “outro” quando me relatou o acontecido. Perguntei ao entrevistado (2) porque ele acha que esses rótulos se manifestam, respondeu que: *“Não sei se é por causa da minha inocência, muitas aspas né... meu jeito bobo assim de ser [...] é que eu nem disse né, adolescente está sempre querendo ser legal né, aí está sempre rotulando todo mundo[...].”* (Entrevistado 2, menino, 17 anos).

Ao final da fala do entrevistado (2), ele também expos o fato de não ser ouvido pelos outros, o que acontece é que as pessoas o interrompem quando ele tente se posicionar diante de algo. E aqui, tiro mais uma impressão minha, algum rótulo ficava subentendido a mim, pois, este jovem foi quem mais argumentou diante da entrevista, teve um diálogo de quem tem uma mínima formação crítica sobre as coisas e, sabia relacionar determinadas situações com muita facilidade.

O eu-pesquisador cria uma concepção subjetiva de que o entrevistado (3) tem algum atributo que confirmava algum tipo de genialidade diante dos outros jovens. Ele mesmo disse que não se sentia bem com os outros muitas vezes, mas não sabia absolutamente porque, mas isso me levou a crer que algum atributo relacionado a uma superdotação poderia ser algo presente na vida do sujeito. Crítico aqui minha postura de supor um rótulo ao indivíduo, pois minha proposta de pesquisa foi claramente criticar as situações que giram em torno de enquadrar os indivíduos movido a estereótipos ou algo relacionado, porém, minha concepção girou em torno de alguns problemas que ele mesmo relatou: síndrome do pânico ou medo das pessoas, dificuldade de fazer amigos, dificuldade de entender os familiares, entre outros sintomas psicossociais.

Um ponto importante: quando questionei sobre o ensino de Sociologia colaborando em debates sobre a temática, o entrevistado (2) informou que todos os professores poderiam ajudar. O mesmo se confirmou com a entrevistada (4)



na qual falarei adiante, na qual também diz que todos professores deveriam ser mais aptos a fazer diálogos sobre a diversidade de posturas dos indivíduos. Inclusive dois alunos também relataram sobre um evento que aconteceu no colégio sobre ‘Educação sexual’ no qual o professor trouxe uma dinâmica e os ajudou a quebrar tabus sobre o assunto. Como um trecho da resposta do entrevistado (2) confirmam:

“[...]o professor de Biologia trouxe uma amiga dele psicóloga... pra dar um negócio de educação sexual... e assim, quando se vai ter uma palestra de educação sexual, você não vai esperar um negócio que vai mostrar umas imagens feias... e vai ser aquele treco chato e todo mundo falando alto ou quase dormindo, o professor de Biologia conseguiu fazer diferente sabe... [...] falou sobre sexualidade, orientação sexual.. a pessoa se aceitar como ela é, como ela se sente... e isso dá pra relacionar ao bullying, a tudo né... Eu acho que fizesse alguma coisa relacionada a isso... o pessoal prestaria muito mais atenção e ajudaria pra caramba... ajudaria as pessoas se abrir mais.” (Entrevistado 2, menino, 17 anos)

195

O entrevistado (2) realmente trouxe muitas reflexões acerca de todo o processo das interações sociais, ficou mais claro o argumento de que a “sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 1963, p. 12) podendo-se pensar as fachadas que têm fortes distinções ligadas aos cenários e os palcos em que o ator viria a se encontrar.

Agora vejamos a resposta da entrevistada (3) em relação a questão piloto: *“Agradável. Complicado. Agradável. Me senti desconfortável na igreja dos meus pais por causa que a mulher disse que eu não parecia com crente. Por causa do meu estilo e por causa do meu cabelo.” (Entrevistada 3, menina, 17 anos)*

O questionamento se deu em perspectiva da estigmatização em relação a igreja, no qual ela informou que acredita que esses preconceitos acontecem devido a tradição dos indivíduos que se encontram naquele cenário. O que vem como uma surpresa – e aqui principalmente coloco minha sinceridade – foi que a entrevistada (3) não só disse que outros professores podem trabalhar a temática do estigma, rótulos e discriminação, mas que, os professores de



Sociologia não seriam os mais indicados para tal atuação. Seu argumento se deu da seguinte forma: *“Eu acho que os professores de Sociologia não são os mais indicados... porque os professores de português, filosofia e sociologia tem a cabeça um pouco fechada.”* (Entrevistada 3, menina, 17 anos)

Quando me deparei com a resposta, repensei minha formação e também de momento a atuação dos professores de Sociologia. Questionei a aluna sobre o apontamento, e ela me trouxe que os professores da nossa área trazem visões certas do que é e não é: *“tipo, é preto ou é branco. Não tem um cinza... e existe meio termo, depende da questão [...]”* (Entrevistada 3, menina, 17 anos). Ainda confirmou que: *“Política não da para discutir com professores de Sociologia... agora tem assuntos até que da pra ter uma conversa... e tem outros que é melhor nem tocar porque senão você vai ficar meia hora escutando [...]”* (Entrevistada 3, menina, 17 anos).

O foco central seria discutir sua forma de estigmatização presenciada na igreja, o que ocorreu foi que a aluna aproveitou para dizer que a Sociologia (e outras disciplinas) se encontram distante do debater de igual-para-igual com os alunos. Penso que, (i) isso pode ser um problema específico da jovem com a disciplina, com alguns professores específicos ou até com a produção de conhecimento, mas também que: (ii) O esforço da Sociologia para se manter como ciência sofre desses questionamentos devido um trabalho amplo com dados qualitativos, o que mexe com as estruturas dos sujeitos e com sua resistência a desnaturalização de certos preceitos. Ou (iii): Que enquanto profissionais das ciências humanas, dizemos estar aptos a ouvir o outro sem impor o que acreditamos, mas que, ainda sim, um certo ego costuma deixar rastros de debates pouco acalorados com os jovens, criando resistências por todas as partes. Pensemos um pouco mais sobre isso no próximo tópico do artigo.

Ao final da entrevista com a jovem, ela reconheceu que os estudos sobre o tema a ajudaram a pensar suas práticas e disse que é rotulada desde algum tempo e tem consciência que isso é mais um problema dos outros do que para ela mesma. Essa aluna mostrou uma maior facilidade em lidar com os estigmas



e rótulos quando me informou que ela pratica esportes (julgados: masculinos) desde muito nova e que passou por rotulações desde sempre, e assim foi aprendendo a lidar.

Última resposta é da entrevistada (4): *“Na minha família tem o exemplo dos meus primos, e de alguma forma sou considerada referência para eles, isso me deixa um tanto chateada como se tivesse a impressão que eu não pudesse errar, sendo rotulada de espelho [...]”* (Entrevistada 4, menina, 17 anos)

Diferente dos demais, essa aluna é rotulada de algo diferente nas perspectivas de preconceito ou crime, porém, ela se sente mal e confirmou isso com frequência durante nosso diálogo. Sua maior dificuldade é em lidar com as crianças mais novas na qual se espelham em suas atitudes:

“Porque me cobra muito... tipo, muitas coisas que eu quero falar eles vão falar “nossa, eu falando isso”... tipo assim, se eu falo alguma gíria... eles falam “Nossa, eu falando isso”... Como se o direito de eu falar o que eu quero fosse tirado de mim... e fica assim, muito... tudo eles vão aprender [...]” (Entrevistada 4, menina, 17 anos).

197

Não menosprezando nenhum dos problemas, mas essa jovem se mostrou mais confiante diante das questões e me informou que para tomar decisões em sua vida não se sente tão desmotivada. O que anteriormente apareceu nas outras duas primeiras entrevistas com certa frequência sobre tomar atitudes sendo algo difícil. Quando questionei a entrevistada (4) sobre o ensino da Sociologia para trabalhos de questões da temática dos estigmas, rótulos e discriminação, ela também informou que todos professores poderiam lidar e dialogar sobre isso, mas lembrou que a Sociologia é quem tem um pé nas discussões sobre desigualdade e isso reforça sua legitimidade para falar sobre o tema.

“Eu acho que qualquer um professor possa... qualquer pessoa que escute e entenda essa pessoa... que nem essa pessoa ela pode, ajudar..., mas a Sociologia eles abordam um pouco mais né..., mas, sentando com a pessoa e conversando... por exemplo, essa atividade de você expressar e falar o que é pra você... acho que é muito bom.” (Entrevistada 4, menina, 17 anos).



Ao final, ela elogiou a atividade. Ao que confirmo que a psicologia social tem forte responsabilidade em pensar os sujeitos em interações sociais, mas não só, dialogar diretamente com estes para uma realização de entendimento sobre si e sobre os outros, para que uma certa vontade própria seja aflorada nos sujeitos para que possam enxergar o mundo sem que as lentes do estigma, rótulo e discriminação façam com que sofram de algum modo.

Quando voltei a falar sobre a importância do ensino de Sociologia e sobre diálogos com as temáticas aqui propostas, a entrevistada (4) me conduziu uma resposta:

“Sim... ajuda a gente a pensar... por que perguntam quando é pra gente, é difícil seu auto examinar... é muito difícil... e quando você está ali se conhecendo, tendo esse autoconhecimento é muito bom... e se continuar estudando isso, é bem melhor pra pessoa conseguir lidar com esses tipos de coisa... “não, não isso não é pra mim[...]” (Entrevistada 4, menina, 17 anos).

198

Inclusive essa mesma jovem comentou da palestra sobre educação sexual e disse que as temáticas que ajudem os alunos a quebrarem preconceitos são de extrema importância. Isso se confirmou com um sorriso em seu rosto ao final da entrevista.

Uma discussão com as informações investigadas e as perspectivas sociológicas

A ideia dessa pesquisa se firmou quando me deparei com leituras sobre Goffman (1963) me dando conta de que os estudos das interações sociais são a essência de toda sociedade, ao mesmo tempo, as formas de estigmatização e discriminação compelem a mecanismos perversos quando aplicados à realidade, o ponto máximo destes se materializando a própria violência existente (seja ela simbólica ou física). Busquei aproximar-me deste sentimento ao qual os sujeitos podem vir a presenciar ou passar. E aqui utilizando-se do ensino de Sociologia podendo pensar contribuições com reflexões acerca dos sofrimentos de ser e/ou estar em relação com outros em interação, e como responder a isso



de forma a levar benesses as relações sociais públicas. Pensemos as entrevistas à luz das reflexões teóricas.

A entrevistada (1) trouxe em cheque a sua dificuldade de lidar com familiares que discriminavam seus amigos de orientação sexual diferente da dela. Os estigmatizados normalmente encontram formas de vida coletiva para se ajudarem onde pertencem a uma categoria particular (GOFFMAN, 1963). O “igual” é o que se encontra na mesma condição dentro do grupo, e já o “informado” é aquele – representado aqui pela entrevistada (1) – como quem compactua com as ideias do grupo (sem pertencer necessariamente a ele), e onde os indivíduos que sofrem o estigma se sentem bem ao lado dela e dos demais que respeitam sua “marca”, ou que de certa forma a mesma não enxerga uma depreciação da imagem na forma que os que estigmatizam (GOFFMAN, 1963, p. 28).

O entrevistado (2) tem em seu perfil a desconfiança dos outros ao que corresponde um perfil que se construiu em preferência de se isolar, onde ele se torna confuso e deprimido. Ele sentiu e sente o medo de que desrespeitem suas escolhas ou atributos como a forma de andar e se portar. A condição do aluno estigmatizado foi carregar consigo a sensação de defensiva por não saber de fato o que as pessoas acham dele (GOFFMAN, 1963).

As dificuldades que o entrevistado (2) sentia ao estar em contato com alguns colegas que o olhavam de maneira depreciativa, se tornava difícil a se tomar escolhas ao palco que se encontrava. Os indivíduos “normais” e os estigmatizados; rotulados ou discriminados estando em contato, enfrentam juntamente as causas e efeitos destes fenômenos. Há uma “luta” por quem define e formata o caráter na interação do mesmo palco (BECKER, 1963; GOFFMAN, 1963).

A entrevistada (3) se posicionou diante da estigmatização que sofreu na igreja e, que em outros lugares não havia tido tal questionamento. Lembro que, o mundo social não é homogêneo. Determinados sujeitos podem ser estigmatizados ou discriminados, mas vai depender de onde, do momento e por qual pessoa. As instituições podem reforçar determinados preconceitos por sua



própria imbricação moral, dessa forma os indivíduos sofrem de estigma e em intensidades diferentes para determinados contextos em que se encontram (BIAR, 2015; SILVEIRA, 2015). Podemos pensar que: “Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipo de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas” (BECKER, 1963, p. 15).

O valor simbólico dado as relações também soam com muita força diante dos acontecimentos em sociedade, como que se disser: “Os judeus são todos mercenários” prioriza um tipo ideal que vai se espalhando como teias de comunicação e reforçando as estruturas psíquicas e sociais, ao passo que a violência simbólica ou física há de acontecer, onde a vida de muitos sujeitos será afetada por esta forma de julgamento. Pode se pensar que os maiores genocídios na história se deram primeiramente pela estigmatização de um grupo, a disseminação da ideia sobre as populações tornando-os excluídos, até legitimando suas mortes e perseguições.

A entrevistada (4) com uma especificidade em relação aos outros, seu rótulo desviante se dava de forma a constranger a situação de envolvimento com crianças mais novas, onde a aluna deveria ser “exemplo” para elas. As sociedades criam regras específicas e os desvios se tornam algo a ser evitado para determinado atores e grupos. Depois que se tem formulado as regras daquele espaço, instituição, etc. quando algum desvio acontece, o equilíbrio normativo é ferido de algum modo, e há uma busca por recorrer a reelaboração da ordem (BECKER, 1963, p. 21). A jovem não podendo “errar” isso acabou sendo um princípio básico dessa sua necessidade de não sair da curva imaginária, pois será julgada desviante de uma “moralidade”, na qual foi imposta o seu papel de espelho aos mais jovens. “Em suma, se um dado ato é desviante ou não, depende em parte da natureza do ato (isto é, se ele viola ou não alguma regra) e em parte do que outras pessoas fizeram acerca dele.” (BECKER, 1963, p. 26).



Pensando as observações feitas no colégio, as atividades propostas em sala e as respostas dadas em direção ao ensino de Sociologia, afirmo que os jovens têm sede de saber mais sobre a sociedade e sobre suas próprias relações. As interações sociais que convivem se encontram com conflitos que os jovens têm dificuldade de entendimento sobre quais posturas devem ter diante de estigmas, rótulos e discriminações. Meu argumento é de que junto de debates sobre o tema, “é tarefa da imaginação sociológica mostrar como a vida pessoal e a biografia individual estão intimamente conectadas a eventos históricos e processos estruturais.” (BAUMAN, 2015, p. 13). Levando a cabo o que Bauman (2015) diz sobre a tarefa da Sociologia: A ciência que nos dispõem é que deve fazer a diferença na qualidade da vida humana.

Pensando a entrevistada (4) e seu posicionamento diante do ensino de Sociologia, mas não só este, lembro que as opiniões expostas pela jovem podem envolver vários fatores que mesmo apontados em hipóteses necessitaria de uma pesquisa mais profunda para se fazer qualquer generalização. Ainda assim, o que podemos indagar é que o mundo vem tomando novas formas de socialização, nessas sendo executadas as ações individuais como cerne intrínseco das relações, e que a Sociologia de alguma forma tende a se enquadrar às mudanças, ainda assim, deverá priorizar seus ouvintes:

Com efeito, deve-se memorizar – e praticar da melhor maneira possível – o mandamento de Bourdieu: O que têm a oportunidade de dedicar suas vidas ao estudo do mundo social não podem permanecer neutros e indiferentes diante das lutas que têm como motivo o futuro do mundo (BAUMAN, 2015, p. 55).

Considerações finais

As características que circunscrevem as interações sociais dos alunos ensino técnico de ADM do CEEP Castaldi – Londrina/PR, estão relacionadas a posicionamentos e posturas que se estruturam diante dos diversos espaços que eles frequentam. Pode-se perceber que há resistências vindas dos cenários ocupados por eles no que tange a definição da fachada que eles irão fortalecer



para seguirem suas vidas, devido a própria multiplicidade de saberes diante do mundo ao qual a sociedade moderna tem se desenhado.

Na sala de aula também há uma certa manutenção dos valores e costumes que privilegiam ideias que uma maioria esteja disposta a concordar, sendo estas reforçadas ou refeitas ao passo que os alunos conseguem trocar experiências próximas ou, sentimentos contrários um dos outros. Em diferentes turmas pode haver menos reprodução de estereótipos e preconceitos conforme a própria interação dos jovens que se encontram em cada sala: uma sala que conforte um número maior de condutas que sejam consideradas “desviantes” na concepção dos demais, tornará o ambiente mais propício a aceitar mais facilmente tais performances, levando a crer que: Ao sair do ambiente escolar, esses alunos – que convivem mais com a multiplicidade de performances – saberiam identificar diferenças de costumes de outros indivíduos sem que olhem com estranheza, ou se tratando do estigma, sem um possível desprezo.

202

Concluiu-se que as ações dos alunos, diante da sala de aula, são sim reprodutoras de uma vida cotidiana que foge ao aparato escolar, mas também se concretizam ou se reafirmam diante do convívio com os outros sujeitos que frequentam a instituição e também com sujeitos de fora da escola. Essa pista foi muito importante, ela ajudou a entender os limites dos conhecimentos científicos na formação dos sujeitos/indivíduos. Ajudou também a entender os próprios limites do ensino da Sociologia para os processos civilizatórios e democráticos, mas que, ainda sim pode contribuir aos jovens na compreensão das diversas formas de ser/agir diante do mundo e, colaborar com o entendimento sobre os fenômenos do estigma, dos rótulos desviantes e das discriminações.

Diante disso, em síntese, percebeu-se que em se tratando de rótulos, estigmas e discriminações, deve-se pensar que esses fenômenos acontecem de forma desordenada, pois, se encontram em diversos espaços onde se regulam diante das interações específicas dos sujeitos no decorrer da vida. Em frente a esses fenômenos, na sociedade e principalmente na escola, “A sociologia pode ajuda-los a ter consciência daquilo que essa empreitada deve ou pode envolver,



e assim expandir suas opções, da mesma forma que apoiar a causa de sua liberdade” (BAUMAN, 2015, p. 55).

Referências

- BAUMAN, Zigmunt. *'Para que serve a Sociologia?': diálogos com David Hviid Jacobson e Keith Tester*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.
- BECKER, Howard. *Outsiders: estudos da sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- BIAR, Liana de Andrade. Desvio e estigma: caminhos para uma análise discursiva. *Revista Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 13, n. 1, p. 113-121, jan./abr. 2015. doi: 10.4013/cld.2015.131.11.
- BITTENCOURT, Wastony Aguiar. *A Constituição de 1988: democracia e política*. 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/56301/a-constituicao-de-1988-democracia-e-politica>. Acesso em: 5 fev. 2020.
- ELIAS, Norbert. Do controle social ao autocontrole. In: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- GALLO, Sílvio. Repensar a educação: Foucault. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 79-97, jan./jun. 2004.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963.
- JOSEPH, Isac. *Erving Goffman e a microssociologia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino de Sociologia? *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 45-61, jan./jun. 2014.
- PARSONS, Talcott. A teoria da ação. In: PARSONS, Talcott. *A estrutura da ação social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SANTOS, Claude; SEVERINO, Vicente da Silva. História e educação: o processo civilizador em Norbert Elias. *Clio: revista de pesquisa histórica*, Recife, v. 30, n. 1, 2012.
- SILVEIRA, Eder da Silva. Entrevista com François Dubet - estigmas e discriminações – a experiência individual como objeto. *Educação*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 157-161, jan./abr. 2015.